

As vertigens da diferença: sobre o uso da série de televisão *Breaking Bad* e a produção do devir-química

Bruna Adriane Fary¹ (PG)*, Moisés Alves de Oliveira¹ (PQ). *fary.bruna@gmail.com

¹Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil - Rodovia Celso Garcia Cid – PR 445 Km 380, s/n - Campus Universitário, Londrina – PR, 86057-97

Palavras-Chave: Devir, Diferença, Breaking Bad

RESUMO: Nesse trabalho apresentamos alguns resultados acerca da construção dos significados químicos pela perspectiva das teorias da diferença. Com auxílio da etnografia virtual tomamos como objeto de análise um episódio da série televisiva *Breaking Bad*, buscando responder ao seguinte problema: Como a representação, nas relações de poder, produzem diferenças, seria possível utilizá-las para compreender como a química assume diferentes sentidos em temas cotidianos? Pensamos o devir-química, no episódio, conduzido por fluxos, as múltiplas possibilidades de sentidos culturais, conferidos à química, produzem diversas sensações que evocam diferenças. Notamos, em alguns momentos, a química que emerge está relacionada à um apelo epistemológico e em outros momentos se relaciona aos desejos e pulsões dos personagens. Em todos os casos, podemos pensar a química como a mesma, mas a mesma que difere, causando sensações diferentes aos personagens que emergem juntamente com os saberes químicos, ou seja temos vertigens das diferenças que reproduzem o devir-química.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho somos movidos por inquietações que estão no centro das estratégias de análises dos Estudos Culturais das Ciências (ECC). Quais sejam: fazer uso de táticas de desestabilização de conceitos científicos cristalizados, da meticulosidade com que são produzidas as ideias de origem, dos desejos de continuidade presentes, como disse uma vez Bruno Latour (2001) escapar do uso político da epistemologia que tem como objetivo produzir um tipo de ciência supostamente livre das variantes históricas e transcendente às circunstâncias contingentes nas quais são produzidas.

Olhar as práticas de produção das ciências por suas descontinuidades é negar seus fundamentos, mas é, ao mesmo tempo, atribuir-lhes a possibilidade de uma existência sempre renovada. Nesse sentido, a descontinuidade é um dos eixos fundamentais na análise dos ECC, inspirados por uma miríade de autores emergentes de várias correntes de pensamento, tais como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guatarri, Bruno Latour, Knorr Cetina, Hannah Arendt, Thomas Kuhn, Bourdieu e etc.

As estratégias empregadas por esses autores são, via de regra, solapar os essencialíssimos com que enxergamos as questões contemporâneas de produção dos significados científicos, ironizar a sublime ideia de origem e desestabilizar os lugares da verdade e, principalmente, os poderes neles instaurados que, camuflados pelo discurso do verdadeiro conhecimento, conferem uma desproporcionalidade de poderes à lógica científica.

Os ECC desconfiam da história que se apegua à ideia de continuidade, subsidiada pela crença em uma origem essencial que resiste ao tempo e comanda os destinos da humanidade. Ao questionar os movimentos históricos da repetição, seja por qual instituição for (escolas, hospitais, mídia e etc...), os ECC buscam tornar visível como os epistemólogos da certeza se esforçam por fazer os inventores, as crenças, os costumes

contribuírem para colocar a ciência numa condição desproporcionalmente legitimada na trama social (NELSON, et al, 1995).

Na teoria cultural que analisa as radicais transformações culturais contemporâneas podemos ver o surgimento de espaços que nos fazem questionar radicalmente as concepções dominantes sobre a objetividade científica. Ironicamente, são justamente os processos tecnológicos, as mídias e outros sistemas articulados às ciências que estão hibridizando, de forma radical, as naturezas científicas e nos obrigam a repensar a “alma” científica (BAUMAN, 2007, 2001, 1998; HARAWAY, 2000, KNORR CETINA, 1981; LENOIR, 2004; LATOUR, 1997, 2001). Quando as fronteiras do que é supostamente natural e racional se vêem profunda e radicalmente afetada e não podem mais ser fixadas, restando-nos vertigens, é hora de perguntar quais podem ser as ferramentas teóricas suficientemente potentes para renovar a produtividade nesse tempo de confusão de fronteiras.

Decorre dessa pergunta, nossa proposta para esse trabalho é pensar a produção dos significados científicos, não pelas suas continuidades, pelas claras fronteiras, em última análise, pelas suas identidades. Mas em como são produzidas as diferenças em torno da ciência. Nosso objetivo é, portanto, experimentar as ferramentas dos ECC como estratégia para redefinir a ordem com que as ciências são entendidas. Em vez de pensá-las como claramente separadas da teia social, pretendemos demonstrar que seus significados emergem de um coletivo de diferenças que transitam - sem pudores - as fronteiras das representações. Para qualificar este encontro com a teoria da diferença e a ciência, nos encontramos com o pensamento de Gilles Deleuze (1988) acerca do devir da diferença e da repetição,

Nesse texto focaremos como os conhecimentos da química emergem por diferenciação. Considerada uma das mais tradicionais entre as ciências, por formar-se discursivamente nas habilidades dos químicos na transformação da matéria, produz-se no interior de suas práticas, uma poderosa continuidade transcendente para o estatuto, ou, como diria Foucault (2000, p.115), para a “ilusão” da noção de natureza. Temos portanto, uma meta: problematizar a noção de natureza da química escavando e apresentando as estratégias epistemológicas que a produz, por entendê-la como uma estratégia, um recurso da epistemologia transcendental que reafirma a origem para sustentar a verdade como arma que busca interditar a vascularização da própria ciência na teia social.

São escassos os estudos sobre o tema química nas teorizações da diferença. Percebemos então, que na área da educação temos poucos estudos sobre este foco de pesquisa.

Nosso objeto de análise será a premiada série televisiva intitulada *Breaking Bad*. A escolha da série se deu por se tratar de uma mídia televisiva que contém, em seu enredo, elementos científicos/químicos que atravessam fronteiras culturais produzindo rico material para a análise e compreensão dos movimentos contemporâneos em torno da produção dos significados científicos.

As análises são produzidas sob a batuta da etnografia virtual e se concentram em dois cortes do primeiro episódio, da primeira temporada da série. Os cortes foram selecionados com a intenção de analisar os efeitos de sentido produzidos a partir do encontro com a química.

A NOÇÃO DE DEVIR-QUÍMICA, DIFERENÇA E REPETIÇÃO

As discussões em torno da diferença tem ganhado espaço nas discussões educacionais (SILVA, 2014). Trazer a questão da química, por meio da teoria da

diferença, é um desafio, visto o poder discursivo da epistemologia em encontrar maneiras de afastar o povo, o social, os processos contingenciais das produções científicas.

A epistemologia, utilizando como argumento a “realidade objetiva”, tenta calar as incontáveis bocas da multidão, impossibilitando e sufocando as diferenças e o devir em prol de mentes extirpadas. Para os epistemologistas, as produções científicas precisam tornar-se sólidas e confiáveis, negando seus fluxos e vascularizações. Bruno Latour realiza uma comparação da epistemologia com o bombardeamento de um coração vazio:

O coração bombeará para fora e para dentro, mas não haverá nem saída nem entrada de fluxo, nenhum corpo, pulmões ou sistema vascular. Os guerreiros da ciência só examinam um coração vazio, brilhantemente iluminado sobre uma mesa de cirurgia. Os estudos científicos manuseiam uma massa sanguinolenta, palpitante e complexa, toda a vascularização do coletivo. E o primeiro grupo zomba do segundo porque seus integrantes parecem enxovalhados, com manchas de sangue nos jalecos brancos, e acusam-nos de ignorar o coração da ciência! Aí está, como conversaremos uns com os outros?!(LATOUR, 2001, p.128).

Ao examinar um coração vazio, evitando a vascularização da ciência no coletivo, nas diferenças, a epistemologia impede a proliferação do pensamento, do devir. Devir entendido como alianças, “no vasto domínio das simbioses que coloca em jogo seres de escalas e reinos inteiramente diferentes”, como aponta Deleuze (1997, p.16), ou seja a epistemologia funciona em função de um cérebro extirpado que luta em busca de uma verdade absoluta e nega por completo a produção do pensamento das diferenças.

Deleuze pensa a diferença compreendida na repetição. Inspirado em Nietzsche, ele empresta o conceito de eterno retorno, não como retorno do Idêntico, pois as identidades prévias são abolidas e dissolvem-se, mas retornar significa o ser do devir. Portanto, retornar é:

(...) a identidade da diferença, o idêntico que se diz do diferente, que gira em torno do diferente. Tal identidade, produzida pela diferença, é determinada como “repetição”. Do mesmo modo, a repetição do eterno retorno consiste em pensar o mesmo a partir do diferente (Deleuze, 1988, p. 83)

Nesse sentido, buscamos deslocar a química epistemológica para um conceito de devir-química, pensando-a na diferença. O conceito de devir está relacionado a ideia de mudança constante, ou seja, deixar-se estar nômade (SCHOPKE, 2004).

Tudo que existe é conduzido pelo fluxo do devir: nada é, tudo flui. O devir como tudo o que é nasce, se transforma e se dissolve. Tudo que existe flui. (MARCONDES e JAPIASSÚ, 1996). Assim, essa disposição ao inacabado é a possibilidade da invenção de novas formas, onde não há essências. Se dizemos, química, física, matemática, ciência, referimo-nos à ligação com a epistemologia, entretantes se pensarmos nos fluxos do pensamento, na desterritorializando de uma língua maior, nos deparamos com devir-química, devir-física, devir-matemática, devir-ciência, ou seja, falamos da tendência ao fluxo, que escapam de políticas positivistas, epistemológicas, desfazendo as essências e valorizando as sensações, os afetos e o movimento do pensamento (DELEUZE, 1995).

Por isso, o devir-química é a possibilidade de não fazer parte dos jogos essencialistas da epistemologia. O devir-química, não flui somente na química, pois nos atentamos para a química como potência para criação de pensamentos e sensações fora dos domínios epistemológicos. Como coloca Latour & Woolgar (1997, p. 21) “em lugar de estudar as ciências ‘sancionadas’, cabe estudar as ciências abertas e incertas”.

O devir-química não busca encontrar fronteiras, mas desconhecê-las, o devir é sempre inacabado e não projeta identidades, pois fixar identidades é uma impossibilidade dentro do pensamento do devir, uma vez que os conceitos, sujeitos e objetos estão em constante atualização, o que implica sempre em processos de diferenciação e criação.

Desse modo, faz parte de nossa pretensão explorar quais efeitos de sentido o devir-química produz no seriado televisivo que alcançou grande audiência mundial. Movimentos sociais de grande impacto são de interesse para os ECC, pois diz respeito aos trabalhos de produzir significados, ou seja, de produzir formas de educação, como diz Stam (2003, p.250) “os estudos culturais chamam a atenção para condições sociais e institucionais no interior das quais o sentido é produzido e recebido”, onde o interesse está nos processos de interação entre os textos, instituições, espectadores e o ambiente cultural em que as produções são produzidas. Para os ECC o significado científico é também construído nas relações com as mídias de todas as espécies, portanto, ele é construído por muitos tipos de diferenças que tendem sempre a uma negociação permanente com discursos ideológicos e eixos sociais de estratificação, como a epistemologia, a natureza, as ciências e etc...

Quando estudamos culturas, o foco está na diferença e não na identidade. Nos interessa então, olhar para a série televisiva e entender como os grupos sociais reproduzem as diferenças, uma vez que estamos inseridos em espaços perpassados pelas diferenças, seja na escola, no cinema, na televisão, na internet e a compreensão das peculiaridades e singularidades das culturas, em todos os seus domínios, abrangência, território e formas, são um verdadeiro tesouro da humanidade. Essas diferenças contribuem para a reinvenção da vida, do mundo e também das próprias culturas, que nunca são imutáveis ou estáticas, mas constituídas de misturas e constantes renovações (TEIXEIRA e LOPES, 2006).

O encontro com o outro, com a diferença, favorece um campo fértil para a produção de sensações e produção da diferença. A multiplicidade de culturas, produz uma grande diversidade de grupos culturais, e as diferenças que os caracterizam não devem ser negadas ou silenciadas. As ideias de homogeneidade do pensamento científico, como coloca Teixeira & Lopes (2006, p.12) “essa perspectiva, iluminista, acaba por descaracterizar a diferença, numa imposição de padrões estéticos, políticos, religiosos, econômicos, educacionais, a partir de concepções dos grupos que se pretendem hegemônicos”.

A ideia de hegemonia, da universalidade em que as sociedades modernas se inclinam “num esforço em direção à moral universal e à auto-realização intelectual, e, portanto, como sujeito de uma experiência histórica universal; postulava também uma razão humana universal” (LOVIBOND, 1990, p.101), não é compartilhada nesse trabalho. Ou seja, não nos interessa avaliar os significados químicos produzidos na série a partir de um padrão cultural e universal, de uma epistemologia.

Nesse sentido, buscamos evocar as diferenças, descrevemos e analisamos as ações que fazem emergir, nos enredos, as múltiplas possibilidades de sentidos culturais que os conceitos químicos podem assumir, enquanto vão sendo tecidos na série televisiva.

METODOLOGIA

Para analisar as relações e significados químicos que vão se forjando ao decorrer do episódio, percorremos os caminhos de etnógrafos. Estudamos as relações,

atividades, significados, sentidos e sensações que emergem na trama do primeiro episódio, da primeira temporada de Breaking Bad.

Buscamos um olhar que contemple os nexos que (re)produzem a especificidade da cultura quanto às formas com que ela lida com a química.

A etnografia tem seu fundamento na noção de observação participante. Nas situações em que o pesquisador está face a face com as culturas em estudo. Mas quando o pesquisador não está presente fisicamente no local de sua observação? Seria possível aprender a cultura de um grupo estando ausente fisicamente? Essas questões passaram a fazer sentido na contemporânea teorização de base na Nova Sociologia da Educação, acoplada aos novos mapas culturais emergentes no interior das mídias e tecnologias. Nesse nível, a questão da virtualidade surge como importante elemento simbólico de novos projetos culturais e sociais e produzem novos significados.

Considerando a interface entre comunicação, cultura e antropologia, torna-se imperativo buscar novas metodologias que ferramentem nossa capacidade de diagnosticar e interpretar diversas experiências comunicacionais, atravessadas por ambientes convergentes pelos quais, os sujeitos sociais, realizam suas ações (TOMAZETTI e MACHADO, 2015).

Estudar tais ações por uma tela de televisão ou monitor do computador e mídias digitais é uma maneira muito peculiar de participação e observação. Desse modo, não há um ser etnógrafo causando estranhamento especificamente no *local* de pesquisa. A observação da série televisiva viabilizará a apreensão de aspectos da cultura, o que possibilitará a elaboração posterior da decupagem, que tem como característica o processo de decomposição das imagens (XAVIER, 2005), e exigirá uma rica e detalhada compreensão dos significados que são compartilhados pelos membros da série e a rede de significação que se estabelece.

O termo etnografia virtual tem sido utilizado por pesquisadores da área da antropologia e das ciências sociais, enquanto o termo netnografia é amplamente utilizado por pesquisadores do marketing e da administração (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008). Nesse trabalho, para fins didáticos, utilizamos apenas o termo etnografia virtual. Os principais estudos que nortearam as abordagens desse campo, no âmbito internacional, foram as publicações de Miller e Slater (2004), Hine (2004) e Kozinets (1998). Já no Brasil, os trabalhos que evocam a reflexão metodológica e situacional da etnografia em espaços virtuais, no campo da comunicação, são os estudos de Sá (2001); Rocha e Montardo (2005); Recuero (2009); Braga (2006) e Amaral (2008).

Visto que analisamos uma série televisiva, encarada tanto como artefato cultural como cultura, que estão em formato digital, a etnografia virtual, fornece alguns princípios para que trilhem enquanto etnógrafos virtuais. Emprestando alguns desses princípios, que serão descritos nos próximos parágrafos e que inspiram-se em Hine (2004) onde a autora, no livro "Etnografia Virtual", aborda a complexidade de abordar a Internet em um estudo etnográfico. Nós adaptamos, em parte, à especificidade da TV.

Um dos princípios descritos por Hine (*idem*), é o quanto as mídias nos desafiam e nos proporcionam realizar a etnografia, assim como auxiliam a elucidar a questão do local de interação. O seriado televisivo não deve ser visto como um lugar isolado de qualquer conexão com a "vida real", ou da interação cara a cara, pois podem entender-se de ambos modos: como cultura e como artefatos culturais. Concentrar-se em qualquer um desses aspectos a custa do outro, implicará sempre em uma visão pobre do problema de pesquisa.

Outro princípio relacionado ao crescimento das mídias, que nos convida a reconsiderar a ideia de uma etnografia ligada a algum lugar concreto, inclusive, também a múltiplos espaços. Mais que multi-situada, poderíamos pensar convenientemente na

etnografia das mídias como fluida, dinâmica e móvel. Se a cultura e a comunidade não são produtos diretos de um lugar físico, então a etnografia também não tem que ser. A investigação etnográfica pode reformular-se, convenientemente, para centrar-se nos fluxos e nas conexões em vez de centrar-se nas localidades e nos limites como princípios organizadores. Os limites não são premissas a priori, mas são explorados no curso da etnografia. O mesmo objeto estudado pode reformular-se com cada decisão, seja a de estabelecer uma nova conexão ou de revisar os passos que nos tem conduzido até um ponto específico de desenvolvimento.

A etnografia virtual é irremediavelmente parcial. Uma descrição holística de qualquer personagem, lugar ou cultura é algo impossível de alcançar, uma vez que nossas descrições podem basear-se em ideias de relevância estratégica para as análises e não em representações fieis a realidades dadas por objetivas.

Essa metodologia auxilia a lançar alguns olhares na compreensão de como são produzidos os significados científicos, o devir-química no seriado televisivo. Entendendo essa produção como resultado das relações sociais, culturais, políticas, econômicas, geográficas e etc. No interior da cena etnográfica, nos valem do conceito de decupagem. Essa técnica nos auxilia a expor e analisar a sequência fílmica, uma vez que com ela é possível realizar uma descrição detalhada das imagens e falas de personagens.

Breaking Bad é uma série de televisão norte-americana, produzida por Vince Gilligan e se passa em Albuquerque, Novo México. Ela possui 5 temporadas com 62 episódios, sua transmissão começou no ano de 2008 e seu término em 2013. Seu enredo gira em torno de Walter White, um professor de química do ensino médio, ganhador de um prêmio Nobel em cristalografia, que descobre que está com câncer terminal e desolado com sua situação, decide fabricar metanfetamina com um ex-aluno, para garantir um futuro financeiro estável para sua família.

Selecionamos para esse trabalho dois cortes do primeiro episódio da primeira temporada de Breaking Bad. Esse episódio foi selecionado pois nele temos uma clara transição de um pacato professor de química do ensino médio, a produtor e traficante de drogas.

Walter, nesse primeiro episódio, se mostra um professor apaixonado por ensinar e também por química, entretanto, ao ensinar química para seus alunos, ela parece possuir sentido apenas para ele, pois os alunos mostram-se apáticos em discutir a química. Walter completa 50 anos de vida e descobre que está com câncer de pulmão e que lhe restam apenas dois anos de vida. Preocupado com o que será de sua família, sua esposa grávida e seu filho com paralisia cerebral, tenta encontrar uma solução para deixá-los financeiramente confortáveis após sua morte.

É então que Walter resolve aceitar o convite de seu cunhado Hank, que trabalha na narcóticos, para ir até uma apreensão em um laboratório de metanfetamina, porém, quando Walter fica sozinho na cena da apreensão, ele observa um rapaz cair da janela vizinha a da apreensão do laboratório de mentanfetamina. Era Jesse, um ex-aluno. Walter resolve ir até a casa de Jesse e propor que eles virem sócios na produção e venda da metanfetamina, pois Jesse conhece do negócio e Walter da química. Jesse se vê sem saída e acaba aceitando.

Os dois decidem que um trailer seria a opção mais evasiva para servir como laboratório. É então, que eles resolvem fabricar a droga no meio do deserto de Albuquerque. Eles produzem a metanfetamina e conseguem um resultado aceitável. Jesse tenta vender a droga para uns traficantes, mas acaba se dando mau, pois os traficantes vão junto com Jesse para o local onde está Walter e o laboratório móvel.

Os traficantes desejam matar Walter e Jesse, entretanto, Walter propõe ensinar sua fórmula para eles, é quando eles entram no laboratório e Walter realiza uma reação que produz fosfina, deixando os traficantes desacordados.

A DIFERENÇA NAS SENSAÇÕES

Começamos reafirmando nossa pergunta: como podemos compreender a química a partir das flutuações da diferença?

Para realizar as análises da química em devir, selecionamos como já dito, dois cortes em que significados químicos emergem. Os cortes partem de uma análise cultural da química, tomando distância de análises epistemológicas, nesse sentido, não buscamos cristalizar a química e sim lançar um olhar a partir dos efeitos de sentidos que ela produz. Ou seja, analisamos o devir-química conforme as sensações que são produzidas na nossa relação com o episódio.

No primeiro corte, a cena mostra Walter no laboratório e em um quase monólogo, fala sobre a química aos alunos:

Química é o estudo do quê? Alguém? - Ben. - Componentes químicos. – Componentes químicos. Não. Química é tecnicamente... química é o estudo da matéria. Mas eu prefiro encarar como o estudo da transformação. Pensem uma coisa...elétrons. Eles...mudam seus níveis de energia. Moléculas alteram suas ligações, certo? Elementos. Eles se combinam e se transformam em compostos. Isso faz parte da vida, certo? É uma constante, é o ciclo. É solução, dissolução, infinitamente. É crescimento, declínio e transformação. É fascinante (Transcrição parcial do seriado televisivo *Breaking Bad*. Episódio 01, da primeira temporada, 2013).

A fala articula-se a cena em que Walter se mostra apaixonado ao falar sobre o que a química estuda. Para ele o estudo da química é fascinante. Entretanto, no movimento da câmera, surgem os alunos em estado semi-catatônicos, pouco interessados em saber o que a química estuda, eles não estão dispostos a responder e participar da discussão “química é o estudo do quê?” Eles estão apáticos, desinteressados, distantes da empolgação que o professor demonstra ao relatar sua admiração pela química. O corte de tomada retoma Walter em segundo plano. No primeiro aparecem um bico de Bunsen e alguns borrifadores que contém soluções com íons metálicos. Walter, na melhor definição do estereótipo de químico, tem preparado um apelo visual, o teste da chama. Ao borrifar soluções de diversos frascos sequencialmente surgem chamas com várias tonalidades, o professor usa essa experimentação para explicar os níveis de energia dos elétrons. A demonstração “real” da existências dos elétrons, desperta, no máximo, esboços de sorrisos nos alunos. Walter, nessas cenas aparece embriagado por uma definição metafísica de ciência, ensina definições científicas, elitizadas, estruturadas e acadêmicas da química, ou seja, uma química epistemológica, que parece interessar somente a ele. Como coloca Latour & Woolgar (1997, p. 24) uma epistemologia “apartada da sociedade ou da cultura”. Os alunos seguem catatônicos...

A química para Walter, descreve a vida. O sentido que ele oferece para química está impregnado em sua vivência. Faz parte da química e da vida, alterar ligações, caminhos, compor/decompor, agregar/desagregar. A química para Walter não é apenas o estudo da matéria, mas sim das transformações, das metamorfoses, das combinações. “É solução e dissolução, infinitamente”, solução como um recurso, uma saída, uma resposta, um resultado para algum problema. Dissolução como uma maneira de separação, decomposição, desagregação, o próprio ato de desconstrução, de dissolver-

se, ou seja tudo que existe é conduzido pelo fluxo da vida, “é crescimento, declínio e transformação”, um ciclo, um eterno retorno, onde cada segundo vale na imanência, as pulsões que desejam repetir-se infinitamente.

No momento em que Walter fala de seu fascínio pela química, a chama do bico de Bunsen, que ele utilizou no teste da chama, aparece à frente de seu rosto, a imagem é da chama e do rosto de Walter. Chama que inflama e consome, que torna luz, que mostra suas ideias, mas que deixa pelo caminho fuligem e carvão, devido ao desinteresse dos alunos, o que acaba por consumir Walter, que vai se tornando fuligem e fumo com a química. Ou seja, seu fascínio inicial parece estar sendo consumido, produzindo outras sensações a partir dessa situação.

Walter apaga a chama do bico de Bunsen e incomoda-se com um menino e uma menina que estão conversando no fundo da sala. Ele chama atenção do menino para que ele volte para seu lugar. Ele volta contrariado e arrastando sua cadeira pela sala, arrastando junto, o ânimo de Walter que já consumido, anuncia o assunto ligações iônicas e pede, com desânimo, para que os alunos abram o livro no capítulo seis. O professor terceiriza, comercializa a química para o livro didático, assim como a chama do bico de Bunsen se apagou, sua chama, sua luz em ensinar também se apaga e ele transfere a responsabilidade da aula de química para o livro didático.

A maneira como a química é conduzida nesse recorte do episódio, presta reverência à epistemologia, que não se vasculariza no coletivo dos alunos. Walter ensinando essa química de cunho epistemológico, acaba por produzir sensações de uma química sólida, confiável, aparentemente imóvel e enfrenta uma resistência em aceitação por parte dos alunos.

Após a passagem de algumas cenas, recortamos o momento em que Walter descobre que está com câncer de pulmão. Essa cena tem importância analítica pois, notamos um momento de inversão na vida do personagem Walter White, assim como a mudança de sentido que a química assume.

Ao som de sirenes, do sinal de alerta, de que algo aconteceu, algo está em perigo, Walter aparece dentro de uma ambulância e em seguida, a cena mostra Walter dentro de um aparelho de ressonância magnética, a imagem na tela mostra Walter de “cabeça para baixo”, essa é a cena ícone, fixa o momento em que ele descobre que está com câncer de pulmão e que lhe restam apenas dois anos de vida. Essa cena marca uma inversão na vida do personagem mas também no sentido que a química assume a partir dessa inversão. Walter agora está com a vida de cabeça para baixo, suas ações a partir desse ponto, a capacidade de manipulação de pessoas, conceitos científicos e objetos assumem, como diz Corazza (2002), uma pedagogia diabólica, a química agora torna-se profundamente invasora, danosa, presente, seus traços alcançam os rumores obscuros do ocultismo e alquimia (o uso “incorreto” da química). Com essa inversão na vida de Walter a química assume sentidos diferentes. É “solução e dissolução, infinitamente”, Walter e a química, assumem nas cenas que se seguem um sistema linguístico que produzem sensações e representações culturais diversas. Como sabemos, a cultura está sempre em fluxo e produzindo diferenças que são transitórias e não possuem habitação fixa. É necessário então, como aponta Deleuze (1988, p.63) “tirar a diferença de seu estado de maldição (...)” e pensar na produtividade da diferença, não a partir de premissas que são pré-estabelecidas para criação de algo, mas pensar as diferenças permitindo a (re) criação de novas formas de existência. Vejamos como isso ocorre na análise do segundo corte.

Após essa inversão na química e na vida de Walter, ele decide ir a uma apreensão em um laboratório de metanfetamina com seu cunhado da narcóticos e lá reconhece Jesse, seu ex-aluno. Ele procura Jesse e propõe que os dois virem sócios. A

frase dita por Walter com intenção de manipular Jesse foi: “Você conhece o negócio e eu conheço a química”.

Nesse segundo corte, as imagens iniciam com uma panorâmica em que aparecem rochas sedimentares e árvores secas da região semi-árida de Albuquerque, Novo México. O pano de fundo sem vida da cena remete para um recomeço longe dos locais de normalidade do ambiente da ciência, ou seja, longe das plateias, dos alunos, de grandiosos laboratórios, de instrumentos com alto grau de precisão. As singularidades das cenas representam um ambiente severo e relativamente estéril que contrasta com as cenas do primeiro corte, onde Walter está em uma sala de aula, com todos os recursos necessários para fazer a ciência funcionar.

Nesse momento eles estão no deserto, com o trailer, o laboratório móvel. Walter entra no laboratório móvel e Jesse entra logo em seguida filmando o local, Walter fica um tanto irritado e diz para Jesse desligar a câmera, fechar a boca e ajudar. O silêncio é necessário, pois para ciência trabalhar todo o restante deve se calar. Enquanto eles estão produzindo a metanfetamina, não há diálogos, não há conversas, apenas a ciência operando. O silêncio funciona se apegando a ideia de ciência sancionada, em que do ponto de vista da série, não há interesse em mostrar os detalhes dos (des) caminhos, das negociações, dos diálogos que ocorrem entre os cientistas para a produção da ciência. A cena mostra eles manipulando diversas vidrarias e reagentes para produção da metanfetamina, entretanto as cenas são todas cortadas, não temos acesso ao processo por completo para a produção da metanfetamina, notamos um certo mistério em torno do que eles estão manipulando o que produz uma sensação diferente da que encontramos no primeiro corte, onde Walter buscou trazer elementos discursivos e visuais para explicação com detalhes do que a química estuda. Nesse segundo corte, a cena de Walter e Jesse produzindo metanfetamina é constituída apenas de fragmentos das ações e explicações do que eles estão manipulando.

Eles terminam de produzir a droga e Jesse fica surpreso com o resultado:

- **Jesse:** *“Isso é vidro de primeira. Você conseguiu cristais de 5 e 7 cm! Isso é vidro puro! Você é um artista. Isso é arte, Sr. White.”*

- **Walter:** *“Na verdade, é química básica, mas obrigado, Jesse. Que bom que é aceitável.”*

- **Jesse:** *“Aceitável? Você é o Deus da culinária! Todos os viciados daqui ao Timbuktu vão querer provar. Preciso experimentar”.*

- **Walter:** *“Não. Nós só vendemos. Não usamos.”*

- **Jesse:** *“Desde quando? Andou assistindo muito Miami Vice. Não é assim.”*

- **Walter:** *“E agora? Como a gente faz?”*

- **Jesse:** *“Amanhã a gente cozinha mais. Enquanto isso...sei com quem falar.”*

No diálogo descrito anteriormente a química ganha um status de técnica e arte. O domínio da química, a técnica de Walter resultou em “vidro puro”, que se tornou arte, ele agora é um artista. A química passa a ter outro sentido nesse momento, o sentido de arte e técnica, agora há Jesse aceitando a química de Walter. O fascínio estético pela química está presente nesse momento. Nesse sentido, há um devir-química que se vasculariza pelo estético que se repete, assim como o fascínio, expressado por Walter quando está na sala de aula que também é estético entretantes, aqui a estética está ligada à técnica, aos conhecimentos que o professor possui, bem como há uma vascularização da química, pois ela faz sentido para Jesse, mexe com suas sensações, uma vez que ela se mostra conectada aos seus interesses e não apartada do social, como a química epistemológica que Walter ensinava para seus alunos. O devir-química

se repete como estética, mas nesse momento está mais próximo dos desejos, da massa, pois no primeiro momento em que Walter aborda a química, em aula, ela estava imersa num mundo acadêmico, estruturalista, científico, ou seja, quase que isento de sensações.

No primeiro corte, de Walter em sala de aula, temos um devir-química visto por um olhar metafísico e estético. Metafísico porque o professor relaciona a química à vida: *“Isso faz parte da vida, certo? É uma constante, é o ciclo. É solução, dissolução, infinitamente”*, fornecendo uma explicação epistemológica para o entendimento da vida, ele entende a química como um modo explicativo de pensar sua existência, como um alento para dar sentido à vida. E estético pois, ele expressa fascínio pela química, assim como quem olha uma pintura e a admira e produz sensações à partir daquele encontro.

No segundo corte, temos uma repetição, lembrando como aponta Deleuze (1988, p.21) que *“a repetição não é generalidade”*, mas repetição como algo único ou singular, onde não há equivalência ou semelhança. Essa repetição do devir-química se dá na ordem da estética, onde Pinkman elogia Walter tratando-o como artista, de sua técnica, seu domínio da química levar à arte. Jesse olha para os cristais produzidos e percebe beleza neles, *“Isso é vidro puro! Você é um artista. Isso é arte, Sr. White”*, nesse sentido, a técnica de Walter é arte e ela expressa emoções, sensações.

Desse modo, no primeiro corte, Walter conduz o devir-química num sentido prático, onde o local de produção de sensação (laboratório), produz ao devir-química um sentido acadêmico, escolar, estático, há um lugar com habitação fixa. Já no movimento realizado no segundo corte, a química em devir é uma química ligada aos desejos e pulsões dos personagens. Em ambos os cortes, podemos pensar a química como a mesma, mas a mesma que difere. Diferem pois, causam sensações diferentes aos personagens que emergem junto com os saberes da química, nos dois cortes as químicas em devir são produzidas pela diferença, como coloca Machado (2009, p.101) *“o ser se diz em um mesmo sentido através de todas as suas formas, mas aquilo de que ele se diz difere, é a própria diferença”*, onde o devir é sempre diferença.

CONCLUSÃO

O devir-química não possui um lugar de habitação fixo, como pretende a epistemologia que acaba por tornar a química estática, fixa e sem possibilidade de vida, de fluxo. Nesse sentido, o devir busca encontrar fronteiras e admitir limites, mas sim, desconhecê-los, portanto o devir-química é visto como abertura para o pensamento químico. Ou seja, o que temos são vertigens das diferenças que (re) produzem o devir-química como pensamento desterritorializante de uma epistemologia territorializada, a química em devir reterritorializando os caminhos da ciência e tornando possível pensar as diferenças e as singularidades, bem como libertar o pensamento da ideia de origem, de essência, tornando-o fluxo. Afinal, o que seria do pensamento se não arrastasse consigo a vida e a recriasse continuamente?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online. O papel do pesquisador-insider nas subculturas da web. In **Anais do GT Comunicação e Sociabilidade do XVII Encontro Anual da Compós**. São Paulo. 2008.

AMARAL, Adriana. NATAL, Geórgia.; VIANA, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, ed. 20, p.34-40, dez. 2008.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles, GUATARRI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles, GUATARRI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1995

CORAZZA, Sandra Mara. **Para uma filosofia do inferno na educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HARAWAY, Donna, KUNZRU, Hari, SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Tradução e organização de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Colección. Nuevas Tecnologías y Sociedad. Editorial UOC. 2004. Em:

<https://seminariosocioantropologia.files.wordpress.com/2014/03/hine-christine-etnografia-virtual-uoc.pdf>. Acessado em 01/12/2015. JAPIASSÚ, Hilton., MARCONDES, Danilo,. **Dicionário Básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KNORR-CETINA, Karem D.. **The manufacture of knowledge: an essay on the constructivist and contextual nature of science**. New York: Pergamon Press, 1981.

KOZINETS, Robert. **Netnography**. Los Angeles, Calif.: SAGE. 1998.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno., STEVE, Woolgar. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LENOIR, Timothy. Instituinto a ciência: **A produção cultural das disciplinas científicas**. Tradução de Alessandro Zir. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2004.

LOVIBOND, Sabina. Feminismo e pós-modernismo. Tradução: Marcos Nobre. **Novos Estudos**. CEBRAP. Nº 27, julho de 1990. p. 101-119.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

MILLER, Daniel. & SLATER, Don. **Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad**. Horizontes Antropológicos. 2004.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A; FROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 7-38.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**, 1(38): 118-128. 2009.

ROCHA, Paula. & Montardo, Sandra. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **E-Compós**, 4: 1-22. 2005.

SÁ, Simone Pereira. Netnografias nas redes digitais. In X **Compós**. Brasília. 2001.

SCHOPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença**: Gilles Deleuze, o pensamento nômade. São Paulo: Edusp, 2004.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Trad. Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel. Apresentação. In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel (Org). **A diversidade cultural vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TOMAZETTI, T. P.; MACHADO, A. . Desafios epistêmicos e configurações teórico-metodológicas da etnografia virtual no campo da comunicação. **Estudos em Comunicação**, v. 1, p. 133-158, 2015.

XAVIER, Ismail. **Discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.